

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LEONILDA DA APARECIDA GLODIS BLATNER

EDUCAÇÃO DO CAMPO: A HISTÓRIA DE MINHA VIDA E O DESPERTAR DE
UMA EDUCADORA

CERRO AZUL

2018_

LEONILDA DA APARECIDA GLODIS BLATNER

EDUCAÇÃO DO CAMPO: A HISTÓRIA DE MINHA VIDA E O DEPERTAR DE UMA
EDUCADORA

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Graduação de Licenciatura em Educação do Campo com Ênfase em Ciências da Natureza Setor Litoral Universidade Federal do Paraná.

Orientador(a)/Professor(a): Prof^ª Dr^ªa Claudemira Vieira Gusmão Lopes.

Co Orientadora: Prof Zaniele Chamberlain Desplanches

CERRO AZUL
2018

EDUCAÇÃO DO CAMPO: A HISTÓRIA DE MINHA VIDA E O DEPERTAR DE UMA EDUCADORA

BLATNER. LEONILDA DA APARECIDA GLODIS

RESUMO

O relato de experiência descrito neste trabalho procura trazer uma breve história de vida, de carreira, de conquistas e de aprendizagens, no qual procura estabelecer relações com os processos vivenciados durante o curso de Licenciatura em Educação do Campo, ofertado pela Universidade Federal do Paraná setor litoral. A incrível experiência de alguém que supera suas dificuldades, mas com a convicção de que a educação pode ser transformadora, mostra que aprender é um ato para a vida toda. Este trabalho teve como fundamentação teórica artigos de pesquisa desenvolvidos em universidade a respeito de relatos de experiência na formação de professores.

Palavras-chave: Experiência-aprendizagem-vivências-educação.

ABSTRACT

The experience report described in this work seeks to bring a brief history of life, career, achievements and learning, in which it seeks to establish relationships with the processes experienced during the course of Licenciatura in Field Education, offered by the Federal University of Paraná sector Coast. The incredible experience of someone who overcomes their difficulties, but with the conviction that education can be transformative, shows that learning is a lifelong act. This work was based on theoretical research articles developed in university about reports of experience in teacher training.

Keywords: Experience-learning-experiences-education.

1 INTRODUÇÃO

A educação nas escolas brasileiras de uma maneira geral é muito dinâmica pois atende a diversas classes sociais com diferentes culturas. Portanto, pensar numa educação em que todos os segmentos possam se ajudar para um bem comum é de extrema importância para que o trabalho dos profissionais desta área possa ser realmente significativo. Este relato de experiência vem mostrando que um curso superior não está restrito apenas a uma pequena parcela da população, mas pode englobar todo aquele que pretende aprimorar seu conhecimento de alguma forma fazer a diferença na sociedade. No meu caso como merendeira, ter mais conhecimento na área da educação implica compreender melhor o processo de aprendizagem dos estudantes, a metodologia dos educadores e assim poder participar de forma mais efetiva nos projetos da escola. Um bom exemplo é relacionar o departamento da cozinha (no meu caso como merendeira) com os projetos ambientais da escola, no qual é feito o cultivo da horta orgânica e a composteira. Aprender sobre química, física e biologia traz compreensões melhores sobre o meio ambiente e como torna-lo mais sustentável. O ser professor ainda que na situação vivida hoje, traz suas recompensas quando se vê o conhecimento de alguém se tornando uma aprendizagem.

Segundo NICOLODI (2012) as representações sociais da profissão de professor, ao longo da história, projetaram imagens de poder e prestígio quanto de quase insignificância e rejeição. Mesmo percebendo as dificuldades enfrentadas pelos colegas, a desvalorização por parte de muitos, decidi por enfrentar o desafio da licenciatura e poder ter a experiência do magistério.

O ingresso aos cursos de formação continuada ao longo da minha carreira trouxe uma nova perspectiva na minha vida, despertando o interesse pelos estudos. Mesmo como merendeira escolar, sempre tive interesse em estar atualizada nas questões educacionais. Acredito que os profissionais da escola devem estar sempre atualizados e para tanto precisam estudar.

De acordo com RIBEIRO, 2012 os professores têm um papel fundamental no processo educativo. Sua formação, portanto, é decisiva para a transformação que urge acontecer na escola pública.

Analisando minha trajetória como educadora/ merendeira porque assim me considero, vi que precisava dar um passo além, e aprimorar meus conhecimentos.

Fazer um curso superior sempre foi um sonho, que felizmente foi realizado pela Universidade Federal do Paraná através do acesso ao curso de Licenciatura em Educação do Campo.

As experiências de minha vida assim como minha carreira, meus cursos de aperfeiçoamento e minha vida durante o curso de Licenciatura em Educação do Campo estão descritas ao longo deste trabalho, que procura estabelecer relações com minha profissão como merendeira escolar, para ir além do cardápio da alimentação escolar e compreender como um curso superior pode fazer a diferença no meu trabalho e como eu posso sair deste processo com a visão de uma professora de Educação do Campo preocupada em resgatar a cultura do camponês, mas também estabelecer relações com os conhecimentos científicos adquiridos na sala de aula.

O processo da narrativa pode ser um processo profundamente emancipatório em que o sujeito aprende a produzir sua própria formação, autodeterminando sua trajetória [...]. É preciso que o sujeito esteja disposto a analisar criticamente a si próprio, a separar olhares enviesadamente afetivos presentes na caminhada, a por em dúvidas crenças e preconceitos, enfim, a des-construir seu próprio histórico para melhor poder compreendê-lo (CUNHA, Maria Isabel. p.02).

Desta forma poder descrever as experiências e práticas educativas dentro do contexto da Educação do Campo é uma forma também de me auto avaliar. Vendo a trajetória e refletindo como será minha atuação como futura educadora, com mais autonomia, com “olhar” mais crítico a respeito do que está sendo ensinado nas escolas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Descrever um relato de experiência não é uma tarefa muito fácil, pois existem inúmeros fatos que poderiam ser descritos formando até mesmo um livro. Na vivência como educadora do campo tive inúmeros desafios, mas também aprendi muitas coisas. Descrever estes desafios e as conquistas durante este processo é bastante prazeroso pois consigo enxergar a trajetória percorrida.

Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade. (CUNHA, Maria Isabel. p.02).

Poder participar de um curso de Licenciatura para a Educação do Campo abriu muitas ideias a respeito de como a educação está sendo ofertada hoje. Infelizmente temos uma escola universalizada que não coloca nos conteúdos a realidade vivenciada pelos alunos, ou seja, os estudantes poderiam aprender por exemplo em matemática, medidas de terrenos, hectare, arroba, medidas que tem relação com a vivência dos camponeses, estabelecendo relações entre o conhecimento científico e a prática do dia a dia. Os estudantes poderiam aprender muito sobre manuseio de solos, adubos orgânicos e levar isso para sua realidade do dia a dia. Durante as aulas na licenciatura, principalmente nos conteúdos de química, física e biologia pude compreender melhor os compostos químicos, compostos estes que fazem parte de tudo que existe. Os ciclos biogeoquímicos, os tipos de solo e de compostos que ajudam no desenvolvimento das plantas. Também foram estudados nesta Licenciatura bactérias do gênero *rizobium* que fazem parte do ciclo do nitrogênio e ajudam a fixar este elemento à planta. Estes conhecimentos trazem benefícios para os estudantes uma vez que eles podem acrescentar a aprendizagem da sala de aula para as atividades agrícolas que desenvolvem nas suas comunidades.

Para FAGUNDES (2013) é preciso urgentemente fazer uma educação que assuma a identidade do povo do campo, respeitando seu modo de vida, sua dinâmica social e acolhendo seus saberes e experiências no processo pedagógico.

Outro problema bastante visível no nosso município é o uso excessivo de agrotóxicos. Penso que os professores poderiam desenvolver projetos interdisciplinares que trabalhassem melhor com este assunto, de modo que os estudantes refletissem sobre as consequências destes defensivos ao meio ambiente.

Segundo GHEDINI (2013) é preciso resgatar experiências na formação de educadores camponeses que se aproximem do modo de vida camponês, fortalecendo-os. As histórias de vida, luta pela terra, maneiras de como o camponês cultiva o solo, o uso de agrotóxicos, adubos e a forma de como ele se insere na sociedade, são relatos de experiências que devem ser considerados na hora da

formação do educador. A autora também destaca que nesta proposta se constrói espaço de interseção entre o estudo do saber, saber do trabalho e modo de vida, de forma que os estudos estejam articulados e assim precisam fazer parte da vida dos camponeses.

Minha vida e permanência no campo mostra que meu objetivo sempre foi permanecer na minha terra natal, Cerro Azul, que eu poderia ir além e procurar um aperfeiçoamento que trouxesse mais conhecimento na minha vida profissional e pessoal. Ao longo da caminhada percebo o quanto a agricultora/agricultor precisa ser valorizado, precisa estar informado e ter conhecimento para manusear aquilo que sai de seu próprio sustento. Desta forma é na escola que se pode iniciar um processo transformador.

...se não tivermos gente vivendo no campo, gente vivendo com dignidade, gente feliz, mantendo viva suas tradições, seus costumes, com acesso ao conhecimento já sistematizado pelos seres humanos, acesso às tecnologias e a todos os bens que a humanidade já produziu, seja na saúde, no lazer, na cultura, entre outros. (GHEDINI. Cecilia Maria. p.106)

Analisando e refletindo o modo como as mulheres ao longo dos anos foram subordinadas as imposições da sociedade, muitas vezes discriminadas e depois conquistando seu espaço nos mais diferentes segmentos, vejo o quanto me enxergo neste processo, pois venho de um tempo onde as mulheres foram culturalmente criadas para serem donas do lar. Poder fazer um concurso público e estudar foi uma conquista na minha vida. Transcrever um pouco delas é uma realização.

Segundo SOUZA (1996) o estudo da memória feminina tem sido feito de modo tal que possibilita construir histórias de vida com a coleta de relatos autobiográficos, permitindo mais recentemente, trabalhar também os modos de funcionamento da memória. Desta forma é muito gratificante ver tudo que conquistei hoje, vindo de uma família de agricultores, de uma família de 5 irmãos onde apenas eu tive o interesse em estudar para além do antigo segundo grau. Mas todas as minhas histórias e memórias me trazem reflexões. Ainda segundo (VARISKAS, apud SOUZA) materiais biográficos estimulam a tentativa de uma releitura crítica, que coloca em questão os critérios androcêntricos de avaliação e definição dos fatos históricos.

Todos os processos vivenciados e aprendidos durante a formação como professora do campo me tornaram de certa forma uma cidadã mais autônoma nas decisões do dia a dia, com sentimento de emancipação, e isso não é o só para minha formação como futura professora, mas também como pessoa. Estar na universidade “abre” de certa forma um olhar mais crítico para os acontecimentos que nos rodeiam.

No âmbito de tais considerações, observa-se que, apesar das diferentes modalidades de análises sobre o que venha a ser e como funciona a memória feminina, no passado e no presente, existe o consenso de que ela está intrinsecamente ligada ao lugar que a mulher ocupa e aos tipos de atividade que ela desempenha no espaço social. A história oral constitui-se então, em uma maneira de restituir-lhes o seu espaço em uma “sociedade masculinizada” (SOUZA, Cynhia. P.63).

Fazendo uma análise de todas as histórias na minha família, entre os filhos dos meus pais, fui a única filha a continuar estudando, assim percebo que saio da cultura em que a mulher é apenas uma dona de casa, cultura esta que foi muito forte na minha família e entre as famílias na época que ainda era criança. Hoje percebo o quanto foi importante poder estudar pois tenho mais autonomia nas escolhas do dia a dia e vejo os problemas sociais com olhar mais crítico.

3 METODOLOGIA

Quando a universidade propôs a construção do trabalho de conclusão de curso da Licenciatura em Educação do Campo, logo pensei na temática da alimentação escolar, que é minha área de trabalho na escola. Mas ao longo das aulas e debates chegou-se num consenso de escrever um relato de experiência, no qual descrevesse minha trajetória de vida, minha carreira e experiência na qual chamamos de LeCampo (Licenciatura em Educação do Campo), portanto, este relato trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa. A partir do tema Educação do Campo: A história de minha vida e o despertar de uma Educadora. a metodologia deste trabalho foi dividida em três momentos: **fase exploratória**, **fase de campo** e **fase de sistematização dos dados**.

Na **fase exploratória**, procedeu-se a leitura da bibliografia pertinente a elaboração do roteiro para organização das ideias. Para isso foi utilizado o caderno

de vivências realizado durante o período do curso de licenciatura, que trazia reflexões sobre as temáticas que estavam sendo vistas em sala de aula e também no dia a dia, chamado de tempo/universidade e tempo/comunidade. Também foram organizadas as bibliografias que serviram de base para este relato, tais como artigos que descrevem relatos de experiência na formação de professores. Com base na história da minha formação profissional procurei buscar autores que destacassem também a questão da formação continuada. Para tanto utilizei como referência os cadernos do curso PRÓFUNCIONÁRIO (Curso Técnico de Formação para os funcionários da Educação), que auxiliou no conhecimento relacionado a alimentação escolar no contexto das escolas do campo.

Outras referências procuradas ao longo deste trabalho foram os autores que destacavam os processos de Educação do Campo, sendo que entre as bibliografias a maior parte destaca-se os próprios professores da Universidade federal do Paraná Setor Litoral.

Na **fase de campo**, iniciou-se o relato a partir do seguinte roteiro:

- 1ª parte: Quem sou eu? Minha família;
- 2ª parte: Minha vida escolar (ensino fundamental e médio);
- 3ª parte: Minha vida como funcionária pública no Colégio Princesa Isabel;
- 4ª parte: Meus cursos de formação (merendeira e outros);
- 5ª parte: Minha entrada na Licenciatura em Educação do Campo e minha prática educativa;
- 6ª parte: Meu futuro como professora

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Minha história de vida: um breve relato

Meu nome é Leonilda Glodis, nasci no dia 12 de novembro de 1959 às 19:30 horas no município de Cerro Azul na comunidade Boa Vista, situada a 7km do centro da cidade. Meu pai Carlito Glodis era de origem francesa e minha mãe Maria da Luz Silva de origem italiana. Meus irmãos são: Izaura, Rosinha, Zelia, Rozane e Bento Carlos. Todos nasceram em Cerro Azul.

Cerro Azul é um município paranaense localizada no Vale do Ribeira, à aproximadamente 100 quilômetros de Curitiba, considerada uma cidade da região metropolitana. Segundo dados do ¹IPARDES, Cerro Azul possui 17.725 mil habitantes, dos quais 10.051 moram na área rural. A maior parte do território do município abrange áreas rurais, onde são desenvolvidas atividades agrícolas como cítricos, tubérculos, feijão, milho e outros vegetais. Cerro Azul é bastante conhecida pela Festa da Laranja, que atrai uma vez ao ano muitos turistas, onde conhecem um pouco das atividades agrícolas realizadas pelos produtores da região. Desta forma a maior renda per capita do município é gerada através da agricultura.

As únicas indústrias localizadas no município são do setor de cítricos, onde são desenvolvidos óleos, essências e suco (poncã/laranja) e Mineração, onde é extraído a fluorita, minério obtido do flúor. Outra parcela da população, cerca de 7 mil habitantes ocupam a área urbana, sendo que nesta região as principais atividades econômicas são os comércios locais e a prestação de serviços.

No que diz respeito ao setor de educação Cerro Azul possui duas creches, uma escola de educação especial. Escolas de ensino fundamental são 28 (das quais apenas 3 estão localizadas na área urbana). Todas as demais escolas municipais e uma de ensino médio estão localizadas em diferentes comunidades da região. No ensino fundamental II e ensino médio o município conta com apenas duas escolas. Também existe a modalidade EJA, Educação de Jovens e Adultos que é ofertada em uma das escolas de ensino médio. O município de Cerro Azul ganhou em 2010 um Polo de Educação à distância, onde são ofertados cursos técnicos e de ensino superior a distância de diferentes instituições, contribuindo assim para o aumento do número de estudantes que procuram aperfeiçoamento profissional.

Nosso município obteve 3.584 alunos matriculados no ano de 2017 sendo que desta parcela, são 687 matriculados no ensino médio. Percebemos que ao longo de vários anos o número de alunos que procuram a inserção no ensino médio está estagnado. Percebe-se um número bastante elevado de evasão escolar, visto que muitos jovens preferem optar pelo trabalho e ajudar no sustento da família do que continuar seus estudos após o ensino fundamental.

¹ IPARDES- Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Dados obtidos em 29/10/2018.

Na minha Infância, década 60, fui muito feliz, meus pais me cuidaram com muito carinho e amor. Minha avó materna cuidava de mim para minha mãe poder trabalhar. Minha família sempre foi humilde e todos precisavam trabalhar para ajudar no sustento. Lembro-me que tinha constantemente infecção na garganta e minha mãe fazia chá de ervas medicinais pois naquela época não tínhamos acesso A farmácias nem a médicos como nos dias atuais.

Na década de 60 não existiam hospitais conveniados ao sistema único de saúde (SUS) no município de Cerro Azul. Normalmente as pessoas quando ficavam doentes iam direto à farmácia, considerando o farmacêutico uma espécie de “médico”, já os que tinham melhores condições de vida, recorriam aos médicos particulares.

Segundo CRIVELARO e CORREIA (2011) o golpe militar em 1964 gerou cortes significativos no ministério da saúde, desencadeando fase aguda do sistema nacional de saúde. As doenças aconteciam da mesma forma que os períodos anteriores, porém, ela e seus indicadores de saúde eram omitidos ou manipulados, dando a impressão de uma melhora neste setor, que além de sofrer com a escassez financeira do estado, ainda tinha que lidar com a falta de prioridade de saúde do povo brasileiro.

Durante minha infância tinham muitos casos de sarampo entre as crianças e tuberculose (tosse comprida como era conhecido na época) nos adultos. Pelo fato da maioria dos moradores da comunidade não terem conhecimento sobre a importância da vacinação e informação sobre microorganismos patogênicos e higiene, muitas pessoas morriam por estas doenças. A dificuldade do acesso também era um fator que contribuía para o aumento da mortalidade, principalmente a mortalidade infantil.

Ainda na década de 60 houve uma unificação dos institutos previdenciários, no qual houve um novo modelo imposto chamado hospitalocêntrico.

Hospitalocêntrico significa “hospital no centro”. Expressão comumente usada no setor da saúde para criticar um modelo de saúde baseado no hospital (nas ações curativas) um modelo que não leva em consideração atenção básica e a prevenção (que acontece fora dos hospitais, nas unidades básicas de saúde, na ação dos agentes comunitários de saúde, da equipe de saúde da família, etc) tão importante quanto o tratamento que acontece no hospital. (CRIVELARO e CORREIA. p.26)

Desta forma naquela época poderiam haver nas comunidades os postos de atendimento à saúde, tanto para os pequenos problemas ou até para consultas de rotina, o que poderia ter evitado doenças mais graves. Hoje percebo o quanto o atendimento à população menos favorecida é importante e o quanto temos progredido em relação a este tema.

Ainda durante minha infância brincava muito com minhas irmãs, com brinquedo que nós mesmos fazíamos, utilizando retalhos de tecidos que sobravam das costuras de minha avó. Nossa casa era de madeira, coberta de telha. Minha mãe cozinhava no fogão a lenha. Não tínhamos luz nem água encanada e não tínhamos banheiro em casa, por isso tomávamos banho na gamela feita de madeira. Nosso colchão era de palha de milho e nossas cobertas feitas de pena. No inverno minha mãe fazia fogo no chão para aquecermos as mãos e os pés, pois não tínhamos calçados e nem agasalhos próprios para o frio.

Nesta época não tínhamos acesso a políticas de saneamento básico e nem de geração de renda como é visto hoje. A água era retirada de poços artesianos e o esgoto ia diretamente para os rios.

No ano de 1965 quando iniciei minha vida escolar não haviam escolas próximas a minha residência, na comunidade chamada até hoje de Boa Vista (na qual situa-se à 10 quilômetros do centro de Cerro Azul). Desta forma fui matriculada em uma escola situada a 6 quilômetros de distância de onde morava.

A Escola na qual estudei o antigo primário chamava-se Escola Municipal do Ribeirão do Scheffer, que infelizmente hoje já não existe mais. Nesta escola funcionava séries multisseriadas pois não havia salas nem professores suficientes para atender ao modelo convencional de ensino. Nesta escola também não haviam merendeiras, os próprios professores e alunos faziam a merenda e se encarregavam de fazer a limpeza das salas. Havia poucos alunos matriculados. Muitas crianças de minha época não iam para a escola mesmo sendo obrigatório o ensino primário no Brasil.

Segundo FLASCH (2011) ao estabelecer em seu art. 149 que “a educação é direito de todos e deve ser ministrada pela família e pelos poderes públicos”, a Constituição de 1934 ofereceu importante mostra sobre a necessidade de direcionar ações para o contexto educacional brasileiro. A alínea “a” do Parágrafo Único do Art. 150 previu que o ensino primário seria gratuito e de frequência obrigatória, porém,

sem estabelecer a oferta obrigatória, o que não obrigou o poder público a envidar esforços para que a população tivesse acesso real à escola elementar.

Tendo em vista que o município não ofertava o ensino em todas as comunidades, muitos pais preferiam levar seus filhos na lavoura para ajudar no sustento de casa.

Há alguns anos infelizmente temos visto várias escolas de pequenas comunidades em Cerro Azul sendo nuclearizadas, ou seja, foram incorporadas a escolas de porte maior, inclusive a escola primária onde estudei. Penso que neste processo os estudantes perdem muitas vezes a oportunidade de estudar em uma escola que valorize os saberes locais, uma vez que os professores possam neste processo trabalhar os conteúdos científicos das diferentes disciplinas estabelecendo conexões com a realidade local destes alunos.

Durante minha infância tive muitas dificuldades para ir para a escola pela distância e não tínhamos transporte escolar. Os alunos moravam longe uns dos outros e por isso íamos sozinhos e passávamos muito medo, pois encontrávamos pessoas estranhas que vinham de outros lugares.

Foi somente no ano de 1977 que o município ofertou transporte escolar e ainda assim restrito somente aos alunos que iam para o Colégio Estadual no centro de Cerro Azul. As políticas públicas para o transporte escolar só ocorreram efetivamente em Cerro Azul em 1998, quando o município passou a atender todas as comunidades, ofertando transporte escolar, tanto para as escolas municipais quanto estaduais.

Assim os anos se passaram e minha caminhada na escola continuou, tinha muita amizade com os professores e colegas, com quem dividia meu lanche. Nesta época a escola não recebia merenda, sendo que cada aluno deveria levar para a merenda verduras, legumes, ovos entre outros alimentos para que a merenda fosse feita. Analisando a história e a evolução de como a obrigatoriedade da merenda escolar se implementou no Brasil, percebo que na época que estudei o primário já havia uma política sobre a merenda escolar.

De acordo com CHAVES (2009) a campanha da merenda escolar (CME) foi criada em 1955, no governo de Juscelino Kubitschek e mais tarde em 1979 o programa foi denominado Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Segundo o autor na década de 50 nem todas as escolas recebiam a merenda pois no início do programa os alimentos eram oferecidos por órgãos

internacionais, desta forma o governo não comprava alimentos mas recebia doações. Posteriormente em 1960 o governo Federal passou a comprar alimentos dentro do território nacional e fazer a distribuição para as escolas.

No contexto histórico a questão das políticas para programas de alimentação e nutrição no Brasil são ainda mais longínquas.

De acordo com RODRIGUES (2009) as políticas para programas de alimentação e nutrição no Brasil

[...] tiveram início na década de 1930, quando ficou definido que o alimento essencial deveria ser um dos itens garantidos pelo salário mínimo (instituído em 1940) .O salário mínimo não era suficiente para fornecer uma alimentação adequada...essa situação levou a criação do Serviço de Alimentação e Previdência (SPAS) cujo objetivo era baratear o preço dos alimentos. p. 32

O autor ainda destaca a questão das práticas assistencialistas, que visa fornecer alimentos para uma população que não tem condições de obtê-la. Afirma ainda que não é a única ação para resolver o problema, mas procura-se outras estratégias que possibilitem as pessoas a adquirirem seu próprio alimento.

Nesta perspectiva faço uma reflexão do quanto as políticas assistenciais da minha infância eram precárias, pois na comunidade onde vivia ninguém recebia nenhum tipo de auxílio do governo. Meu pai nesta época já iniciava um processo de saúde complicado e não poderia trabalhar como antes. Como a alimentação é um processo fundamental para sobrevivência do ser humano minhas irmãs mais velhas acabaram desistindo da escola para ajudar minha mãe na lavoura e no sustento da casa.

Hoje percebe-se o quanto avançamos na questão alimentação no que diz respeito à educação, pois não há falta de alimentos nas escolas (pelo menos no nosso município). Além da oferta de alimentos existe também o acompanhamento de nutricionistas da Secretaria Estadual de Educação e um rigoroso controle na manutenção, higiene e validade dos produtos que chegam até os estabelecimentos de ensino.

Experiências e reflexões de aprendizagem escolar na década de 60/70

Refletindo agora sobre a questão da metodologia de ensino das escolas de minha época, pode-se dizer que não mudou muita para os dias atuais. Eu gostava muito de estudar, pois os professores explicavam bem, fazíamos cópia do quadro de giz, respondíamos questionários e decorávamos a tabuada. Não reprovei nenhum ano e considero que foi um período muito importante na minha vida. Neste período as escolas estavam sob uma transição de concepção pedagógica, ou seja, um esgotamento no modelo renovadora caminhando para a pedagogia tecnicista.

De acordo com SAVIANI (2006) enquanto na pedagogia nova são os professores e alunos que decidem se utilizam ou não determinados meios, bem como quando e como o farão, na pedagogia tecnicista dir-se-ia que é o processo que define o que professores e alunos devem fazer, e assim também quando e como o farão.

O sistema de ensino na minha infância remetia a um certo “medo” por parte dos alunos pois o professor era a figura soberana. Poucos participavam das aulas pois sempre era o professor que explicava, raramente os alunos falavam durante a explanação do conteúdo. Essa metodologia em tempos atuais não pode ser suportada nas salas de aula, embora alguns profissionais ainda tragam essa cultura de somente o professor ser o detentor do saber. Mesmo com todas as mudanças a escola ainda mantém a metodologia das escolas tradicionais, do uso exclusivo do livro didático e do quadro/giz.

A utilização do quadro e giz não significa uma aula ruim, a maneira como esses recursos são utilizados é que determina os sucesso ou “fracasso” de uma aula.

KARNAL (2005) defende que “uma aula pode ser extremamente conservadora e ultrapassada com todos os mais modernos meios audiovisuais. Uma aula pode ser muito dinâmica utilizando giz, professor e aluno”

Acredito que poderia ter aprendido os conteúdos com mais facilidade se houvesse naquela época recursos e práticas pedagógicas como vejo na escola que trabalho. Hoje diversos professores utilizam metodologias inovadoras, recursos tecnológicos, aulas de campo, aulas práticas, atividades lúdicas que envolvem os estudantes. O estudante hoje dispõe de inúmeros recursos de aprendizagem. Os professores não são mais vistos como “carrascos”. Desta forma acredito que a metodologia utilizada em sala de aula é extremamente importante na aprendizagem.

De acordo com MORAES (2003) com base no modelo epistemológico emergente, considera que as novas estratégias e metodologias do campo educacional devem estar voltadas para atender as necessidades do mundo atual, com vistas em um pensamento inter e trans disciplinar, que compreende o que antes era contraditório e agora, é complementar.

Neste sentido é necessário fazer uma reflexão de como ocorrem as formações de professores nas universidades, para que o ensino esteja relacionado com as situações reais da sociedade, das vividas pelos estudantes no dia a dia, num contexto de pensar nos problemas sociais/ ambientais. Assim a escola pode ser uma ponte entre o cidadão e a sociedade.

Após concluir o ensino primário em 1968, meu pai vendeu a nossa propriedade e comprou em outra localidade chamada Quarteirão dos Órfãos, facilitando meus estudos no ensino fundamental, porque a escola era mais perto de casa. A comunidade sempre conservou bem esta escola que se chamava Escola Municipal do Rio Ponta Grossa.

Conseguí estudar até a metade do ensino fundamental II e não consegui continuar mais meus estudos por falta de transporte escolar. Então continuei trabalhando na agricultura com meus pais. Em 1983 o meu pai faleceu e eu continuei trabalhando, pois precisava ajudar minha mãe sustentar meus irmãos menores. Com o passar dos anos a renda da família diminuiu consideravelmente pois além da propriedade ser pequena, a terra já não era boa suficiente para o plantio. O terreno por não ser plano, dificultava a aragem da terra e os adubos naturais do próprio solo já estavam se esgotando. Outro fato era o fato de na época não termos condições de comprar adubos suficientes e então foi nesta situação que resolvi ir para Curitiba morar com minha irmã e trabalhar no açougue e mercearia que ela tinha. Apesar de não ter renda fixa, com o salário que ganhava, conseguia ajudar minha mãe nas despesas da casa.

Em 1989 consegui meu primeiro trabalho com carteira registrada em loja de tecidos na rua 15 de Novembro no centro de Curitiba. Trabalhei nesta loja até 1996 e todo esse tempo foi também muito bom, até hoje tenho saudades dos meus colegas de trabalho e das amizades que fiz. Trabalhava oito horas por dia e ganhava um salário mínimo registrado na carteira de trabalho.

Depois de passar quase dez anos em Curitiba me casei aos 37 anos no dia 7 de setembro de 1996. Assim voltei para Cerro Azul, na localidade do Quarteirão

dos Órfãos, onde juntos vivemos até hoje com as bênçãos de Deus. Meu esposo é agricultor. Comecei minha vida de casada trabalhando novamente na lavoura, mas logo no início me despertou o interesse em estudar, porém não tinha muitas condições, pois nesta época não tinha transporte da minha casa até a praça central, também não tínhamos veículo próprio sendo que o único horário que poderia concluir os estudos era no período noturno.

Nesta época surgiu a oportunidade de concluir o ensino fundamental à distância ofertado pelo Instituto Universal Brasileiro. Foi difícil porque tinha que estudar sozinha sem ter um professor para explicar, porém igualmente importante na minha formação. O ensino à distância neste período estava sendo muito divulgado pelos estados brasileiros, junto com os cursos profissionalizantes, numa tentativa ainda maior de incluir a população ao acesso à educação.

Segundo NICOLODI (2013) nesta perspectiva o Ministério da Educação incentivou as Instituições públicas, de reconhecida tradição para que oferecessem cursos na modalidade a distância. A autora também destaca que houve um certo preconceito na época pela questão da qualidade do ensino.

Através desta reflexão analiso que mesmo com algumas dificuldades em não compreender certos conteúdos pela ausência do professor, aprendi a ser um pouco autodidata. Hoje temos inúmeros recursos na internet que auxiliam os alunos a estudarem, além é claro do próprio professor em sala de aula.

Analisando hoje o número de escolas no município observa-se que os alunos possuem muito mais facilidade ao acesso à escola pois o ensino médio é ofertado no sistema presencial. Como mencionado acima há duas outras escolas que já são registradas na Secretaria Estadual de Educação como Escolas do Campo, ficando próximas as comunidades rurais. Deste modo desde a época que ingressei no ensino médio o município tem avançado bastante no que diz respeito à oferta de ensino.

Mas não parei por aí em 1998 fiz a matrícula para as disciplinas de suplência, na qual estudávamos as disciplinas por etapas e consegui concluir, o ensino médio, apesar de ter muitas dificuldades para estudar.

Estas dificuldades eram principalmente com relação ao ensino semi-presencial, pois não era sempre que podia tirar dúvidas com o professor. Nesta época não tínhamos como entrar em contato via internet como hoje. O contato era

somente nas aulas presenciais. Mas precisava dos certificados para conseguir um emprego melhor, como um teste seletivo ou concurso público por exemplo.

Passado um tempo e já com uma formação básica que me deu condições de poder procurar um trabalho melhor, em 2001 participei de um teste seletivo no Colégio Estadual Princesa Isabel, onde estavam contratando pelo regime conhecido na época como Paraná Educação². O Colégio Estadual Princesa Isabel está localizado no centro do município de Cerro Azul e oferta o Ensino Fundamental II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos nos períodos da manhã, tarde e noite. É o maior colégio da cidade e conta com laboratório de informática, 24 salas de aulas além de outras dependências. Atualmente atende a uma demanda de 1.650 alunos e serve de referência para muitos eventos na cidade.

Esse período em que fui contratada foi bastante difícil, pois muitas vezes meus colegas de trabalho já eram concursados e eu não via estabilidade financeira neste regime de trabalho.

Pelo fato de eu ter na época o ensino médio concluído consegui ser contratada, e segui neste processo ainda por quatro anos. Pelo fato de estar em uma escola e ver a estabilidade financeira de colegas, sabia que estudar, além de me tornar uma pessoa mais culta, poderia me ajudar a passar em um concurso público.

Quando fiz o curso supletivo para concluir o ensino médio, tive que me esforçar bastante, pois as provas eram realizadas no final de semana. Muitas vezes abria mão dos encontros em família para me dedicar aos estudos. Também tinha a questão da distância, pois não tinha carro nesta época, e percorria 6 quilômetros de minha casa até a escola. Em 2010 assumi meu concurso e me senti segura por acreditar que iria realizar todos os meus sonhos na minha caminhada como pessoa, profissional e estudante.

A minha carreira como funcionária do Colégio Princesa Isabel iniciou no dia 01 de abril de 2001 como auxiliar de serviços gerais. No início tive muitas dificuldades para chegar ao trabalho, pois são seis quilômetros que percorro até hoje. Saía de casa bem cedo muitas vezes com chuva onde havia barreiras na estrada e um riacho que às vezes transbordava. Meu meio de transporte era só

² Programa Paraná Educação- contrato de trabalho de funcionários públicos por meio de terceirização

bicicleta e passava medo muita das vezes, mas sabia que também tinha muitos colegas que passavam pela mesma situação.

No início trabalhei no colégio na área da limpeza de salas, banheiros e corredores, enfim, fui fazendo amizades com outros funcionários, professores e alunos. Nesta época alguns alunos do primário vinham fazer lanche no colégio e assim eu auxiliava na hora de servir. No intervalo eu e alguns colegas de trabalho preparávamos uma horta no fundo da escola e isso foi muito interessante, pois era um incentivo para os alunos aprender como trabalhar na terra e como poderiam colher algumas verduras e legumes para o preparo da merenda na escola,

Em 2005 passei para o setor da cozinha e passei a trabalhar em horário mais adequado a minha rotina de vida. Contudo aumentou a responsabilidade no preparo da merenda e no armazenamento dos alimentos porque requer mais higiene, também tinha que estar atento no estoque e no cardápio da merenda. Este cardápio vinha com possibilidades que atendessem as necessidades nutricionais diárias das crianças e também poderíamos complementar de acordo com outros ingredientes saudáveis que tínhamos a disposição.

Para DUTRA (2009) o cardápio é uma lista de preparações culinárias que compõe uma refeição ou uma lista de alimentos de todas as refeições de um dia ou período. A autora ainda destaca que a partir do cardápio é possível definir não apenas a lista de alimentos, condimentos e bebidas como também os equipamentos e os utensílios necessários para preparar e servir os alimentos listados.

O trabalho no setor da cozinha/merenda escolar traz experiências e aprendizagens muito significativas. Experiências estas que podem ser levadas para a vida toda pois retirar ou acrescentar um tempero ou ingrediente no cardápio torna o alimento mais atraente. Preparar um cardápio saudável pensando na criança ou adolescente e sua fase de aprendizagem requer muita responsabilidade.

Os alimentos contém diferentes substâncias (ou nutrientes), não existe nenhum alimento que consiga nos fornecer todos os nutrientes de uma só vez. Dessa forma, temos de comer diversos tipos de alimentos para adquirir todos os nutrientes necessários ao nosso organismo...é importante que no cardápio tenha pelo menos um alimento de cada grupo, pois assim o equilíbrio de nutrientes é alcançado. (DUTRA. p. 13)

Neste momento também coube a mim a responsabilidade de preencher as fichas da APE (Acompanhamento do Programa na Escola) da merenda escolar. Foi uma experiência muito gratificante porque podia acompanhar as anotações feitas pelos colegas a respeito das datas e períodos em que estavam preparando o lanche. Neste contexto analisava as refeições de cada período e a diversidade dos cardápios. Assim consegui continuar o trabalho com algumas dificuldades em preparar os cardápios, pois muitas vezes não tinha no estoque da cozinha os alimentos necessários para o preparo da merenda pois o cardápio vinha pronto da SEED (Secretaria Estadual de Educação) pelo programa da APE.

Após iniciar a Acompanhamento do Programa da Alimentação Escolar (PAE), programa do Governo Federal, coordenado pela Prefeitura Municipal em parceria com a Secretaria de Agricultura, foi possível perceber que a merenda do colégio melhorou, pois assim usamos da criatividade e acrescentamos ao cardápio frutas, legumes e verduras, melhorando a qualidade da merenda. Após todos estes anos sinto meu trabalho muito gratificante, refletindo desde o início sobre a dificuldade de alguns alunos que moram longe da escola e por saber que muitas vezes a primeira refeição do dia deles acaba sendo a merenda escolar, talvez em alguns casos a única do dia.

Para CHAVES (2009) uma alimentação saudável é essencial para a saúde, pois uma criança sem se alimentar pode não conseguir aprender o que o professor está ensinando. Infelizmente muitos estudantes carentes chegam a escola sem ter se alimentado em casa. De acordo com o autor é importante que todas as crianças estejam bem alimentadas durante sua permanência na escola. Sendo assim, a alimentação é fundamental para uma educação de qualidade e o sucesso de cada estudante.

Vale ressaltar a importância da merenda escolar e a diferença entre nutrição e alimentação. Segundo Rodrigues et al, (2009, p.12) a alimentação

[...] é um ato voluntário e consciente. Ela depende totalmente da vontade do indivíduo e é o homem quem escolhe o alimento para o seu consumo. A alimentação está relacionada com as práticas alimentares, que envolve as opções e decisões quanto à quantidade e tipo de alimento que comemos e quais os que consideramos comestíveis ou aceitáveis para o nosso padrão de consumo; a forma como adquirimos, conservamos e preparamos os alimentos; além dos horários, do local e com quem realizamos nossas refeições.

A alimentação escolar é parte do processo de aprendizagem de qualquer pessoa. Nas instituições de ensino essa prática é imprescindível, uma vez que para se ter um bom desenvolvimento cognitivo o ser humano precisa ingerir alimentos que auxiliem nos processos orgânicos de seu corpo.

Para DUTRA (2009) uma alimentação saudável é aquela que atende a todas as exigências do corpo, ou seja, não está abaixo nem acima das necessidades do nosso organismo. De acordo com a autora as pessoas não se alimentam apenas dos nutrientes, mas de alimentos “palpáveis”, com cheiro, sabor e textura, levando em consideração a sua identidade cultural e familiar.

No Colégio Estadual Princesa Isabel, instituição que trabalho, recebemos alimentos de diversos gêneros, tanto industrializados (enlatados, embutidos) como também os naturais (frutas, legumes, ovos). Na tabela abaixo pode-se observar alguns dos alimentos recebidos pelo programa do governo Federal.

PRODUTOS DA AGRICULTURA FAMILIAR USADOS NA MERENDA ESCOLAR	PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS USADOS NA MERANDA ESCOLAR
Frutas (maçã, pêssego, caqui, banana, laranja, ponkã,	Arroz, feijão, macarrão, óleo, açúcar, sal
Legumes (repolho, alface, berinjela, abobrinha, batata doce, mandioca, beterraba)	biscoitos diversos, leite em pó, bebida láctea.
Pão caseiro, variedade de doces caseiros (banana, goiaba, abóbora)	Carne <i>in natura</i>
	Enlatados (feijão, milho, ervilha, estrato de tomate)

Os produtos da agricultura familiar são levados primeiramente para a Cooperativa Paranaense de Agricultura Familiar (COPAFI) em Cerro Azul. Neste local são organizadas as entregas de alimentos para as escolas. Algumas famílias da região que produzem estes alimentos realizam contratos com o estado para o

fornecimento dos mesmos, é uma forma de atender a demanda do município e valorizar a agricultura familiar.

De acordo com NEVES *apud* CALDART (2012) agricultura familiar como categoria analítica..

Corresponde a distinta forma de organização da produção, isto é, princípio de gestão das relações de produção e trabalho sustentadas em relações entre membros da família, em conformidade com a dinâmica da composição social e do ciclo de vida de unidades conjugais ou de unidades de procriação familiar

Ao atender a demanda da alimentação escolar optando por comprar os produtos da região, o estado e o município também contribuem para o aumento da geração de renda, fornecendo alimentos de qualidade as escolas, pagando preço justo aos produtores e assim chega as escolas uma variedade maior de alimentos saudáveis.

Nesta perspectiva a preocupação também gira em torno da variedade da merenda, pois muitos alunos deixam de comer o que é servido na escola para comer salgadinhos e outros alimentos ricos em açúcares e gorduras, elevando os índices de obesidade infantil. Ao incorporar frutas e legumes na merenda escolar estamos disponibilizando aos estudantes a oportunidade de experimentar variedade de alimentos saudáveis. A alimentação inadequada pode ser uma boa ideia de projeto interdisciplinar envolvendo todos os setores da escola. É de responsabilidade da escola também se preocupar com a saúde e os problemas que os açúcares e gorduras em excesso podem causar.

Segundo CHAVES (2009) a obesidade é o acúmulo de gordura corporal, sendo normalmente causada pelo consumo exagerado de comida e falta de atividade física. Temos visto diversos estudantes indo à escola com alimentos nada saudáveis (refrigerante, pastel, etc). Como eles não podem trazer à escola, acabam consumindo na rua mesmo, antes de chegar para o horário das aulas. Este fato aponta para a falta de atenção dos pais ao incentivar as refeições saudáveis nos horários adequados.

Segundo pesquisas apontadas por ³FISBERG (2018), prevalência mundial da obesidade infantil vem apresentando um rápido aumento nas últimas décadas,

³ Mauro Fisberg- Pediatra e nutrólogo, Chefe do Centro de Atendimento e Apoio ao Adolescente, Departamento de Pediatria Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Coordenador do Centro

sendo caracterizada como uma verdadeira epidemia mundial. Este fato é bastante preocupante, pois a associação da obesidade com alterações metabólicas, como a dislipidemia, a hipertensão e a intolerância à glicose, considerados fatores de risco para o diabetes melitus tipo 2.

Desta forma a merenda escolar ofertada de maneira correta e saudável pode ajudar a diminuir estes riscos à saúde. Trabalhar nesta área da alimentação escolar é muito interessante pois podemos aprender todos os dias com professores, alunos e colegas sobre as questões da alimentação. Poder contribuir com o processo de aprendizagem através da alimentação também é muito gratificante.

MINHA FORMAÇÃO: UMA TRAJETÓRIA DE LUTA E DEDICAÇÃO

Após assumir o concurso do Estado para Agente Educacional I e assim tive mais vontade de aperfeiçoar meus conhecimentos e estudar e esse sempre foi um dos meus objetivos, desta forma participei de muitos cursos de formação continuada e extensão para poder aprender sempre mais. Cursos estes oferecidos pela Secretaria Estadual de Educação e também pela UFPR Setor Litoral. Acredito que não é somente professores que devem estar em constante aprendizado, mas todo o coletivo escolar.

Segundo FREIRE (2006), na formação permanente de professores o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.

Em 2006 participei pela primeira vez de um curso de merendeira na cidade Paranaense Faxinal do Céu, localizada no norte deste estado. Na época este curso era muito conhecido entre funcionários públicos da Educação, pois era uma oportunidade de muita aprendizagem. Este curso era promovido pela Secretaria de Educação, com duração de 28 horas consecutivas. Nestes encontros eram abordados temas relacionados a importância das boas práticas de alimentação escolar, variação no cardápio, sobre os nutrientes dos alimentos que precisamos para o bom funcionamento do organismo e a resistência contra doenças. Também abordaram sobre a interpretação de rotulagem dos alimentos. Um tema bastante

trabalhado neste curso foi a microbiologia dos alimentos, que podem ser contaminados por pequenos microorganismos e que estes podem causar intoxicação alimentar. Assim foi possível aprender sobre a tecnologia de alimentos perecíveis, semiperecíveis e não perecíveis que devem ser mantidos em temperatura ideal. Desta forma podemos evitar muitas doenças e problemas de saúde através de cuidados higiênicos e de conservação.

O curso feito em faxinal do Céu foi realizado pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) o qual foi muito enriquecedor, pois aprendi sobre a importância e atribuições da merendeira na escola, como comunicar a direção da escola qualquer anormalidade relacionada a alimentação, especialmente no que diz respeito as condições de utilização dos gêneros alimentícios.

Um dos temas que também foram discutidos neste curso foi sobre as relações humanas. Em todo local de trabalho existem pessoas que ocupam diferentes funções. Não há ninguém que possa fazer um trabalho completo sem contar com a colaboração de outras pessoas. No trabalho da merendeira assim como qualquer outro há pessoas que dependem umas das outras, as crianças que necessitam da boa alimentação, as pessoas que trabalham no mesmo local devem ter respeito com seus colegas e devem estar dispostos a cooperar para o bom andamento do trabalho. O bom entendimento só pode conduzir a um resultado final bom para todos. As vezes dar um pouco mais de si para suprir a deficiência do outro. O homem é um ser sociável que precisa do outro. Trabalhar em equipe.

Desta forma este curso mostrou como devemos trabalhar juntos como uma orquestra, onde cada instrumento contribui para que a música seja executada em perfeita harmonia. Um profissional deve desenvolver seu trabalho da melhor forma possível. Cada um se esforça para fazer bem sua parte e todos trabalham para que o resultado do conjunto seja bom.

Toda a experiência vivenciada no curso foi muito importante, assistimos várias palestras com representantes de indústrias e fornecedores de alimentos da merenda escolar. Os nutricionistas do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Educacional (Fundepar) também estavam presentes no curso e falaram um pouco sobre nutrição. A trajetória deste curso foi bastante longa, mas suficiente para que as merendeiras aperfeiçoarem o conhecimento na área.

Neste contexto vejo a importância da formação dos profissionais da escola, não somente professores, direção e pedagogo, mas todo o coletivo escolar. Quando

os profissionais da escola estão em constante formação, os trabalhos se tornam mais qualitativos.

Para MENDES e BALLAN (2013) As demandas de atuação dos funcionários no espaço escolar necessitam de constante reflexão. Precisamos pensar sobre como os Agentes Educacionais podem contribuir para a melhoria do atendimento no processo de ensino e aprendizagem. É válido destacar ainda a posição do autor em relação a formação continuada dos profissionais de tempo integral, no qual destaca que é preciso aproveitar a ocasião para reconstruir o perfil dos educadores, pois profissionais que atuam no tempo integral devem ser estudiosos, ostensivamente valorizados, envolvidos em formação permanente, capazes de pesquisar e elaborar, sendo autores da história.

Outro curso bastante significativo na minha carreira foi o Curso Técnico de Formação para Funcionários da Educação (PROFUNCIONÁRIO), oferecido pela Secretaria Estadual de Educação com duração de 360 horas que ocorreu em 2011 na cidade de Colombo. Foi neste curso que aprendi a criar um e-mail próprio que nos ajudaria a receber informações sobre o curso. Neste período aprendemos questões relacionadas a documentação escolar, construção da proposta político-pedagógica do PROFUNCIONÁRIO, Além dos papéis tradicionais de merendeira, agentes administrativos, bibliotecários, etc.

No ano de 2013 participei também da primeira turma do GPEDI- Gestão de Processos em Educação, Diversidade e Inclusão, ofertado pela UFPR- Litoral e ministrado por professores do Colégio Princesa Isabel, onde trabalho. Este curso foi extremamente significativo na minha carreira profissional, pois nele estavam professores e funcionários de diversas escolas do município. Cada participante contribuía com suas ideias e experiências e assim foi enriquecendo nosso conhecimento durante o curso.

Uma das temáticas que mais gostei foi o módulo de Educação do Campo, onde aprendi como a escola pode relacionar os conteúdos trabalhados em aula com a realidade dos estudantes do campo, ou seja, das escolas realizar, por exemplo, um calendário de férias voltado a época da colheita da laranja (no caso em Cerro Azul), visto tem muitos alunos que deixam de frequentar a escola para ir trabalhar na colheita. Esse foi um tema bastante discutido durante o curso.

A principal reflexão e aprendizado que este curso trouxe foi a de que devemos ter um “olhar” mais humano com nossos estudantes, aprender a ouvi-los e que cada um na escola pode fazer a diferença.

A partir destas experiências em cursos de aperfeiçoamento e extensão despertou em mim o interesse em continuar estudando. Tive a oportunidade de assistir ao primeiro Seminário GPEDI (Gestão de Processos em Educação, Diversidade e Inclusão) na Universidade Federal do Paraná, setor Litoral e nesta ocasião foi proposta a abertura da primeira turma de Licenciatura em Educação do Campo, proposto pela Universidade Federal do Paraná setor Litoral e desta forma tive a certeza que gostaria de fazer uma faculdade e aprimorar meus conhecimentos na área da educação, pois este curso vinha de encontro as minhas expectativas.

A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO E A TURMA FLOR DO VALE

A Licenciatura em Educação do Campo proposta pela Universidade Federal do Paraná veio para Cerro Azul como uma oportunidade extremamente importante para formação de educadores. Primeiro porque está relacionado com as características e cultura do município (maior parte inserida no meio agrícola) e depois porque em nosso município não existe nenhuma outra licenciatura voltada à Educação do Campo.

De acordo com CALDART (2013) a essência da Educação do Campo não pode ser compreendida senão no seu movimento real, que implica um conjunto articulado de relações (fundamentalmente contradições) que constituem como pratica /projeto política de educação e cujo sujeito é a classe trabalhadora do campo.

Analisando sobre o histórico da organização e implementação da Educação do Campo nas universidades brasileiras percebe-se que esse projeto faz muitas relações com a história do município, o perfil das comunidades e as lutas que aqui ocorreram.

O contexto educacional recente do mundo rural vem sendo transformado por movimentos instituintes que começaram a se articular dos anos de 1980, quando a sociedade civil brasileira vivenciava o processo de saída do regime militar, participando da organização e espaços públicos e das lutas democráticas em prol de vários direitos, dentre eles a educação do campo. (CAMPOS *apud* CALDART. p. 237)

É neste aspecto que se faz necessário fortalecer as escolas instituídas como Escolas do Campo, para que nestes espaços ocorram projetos e conteúdos que estabeleçam relações com vida dos camponeses e da comunidade local. Para tanto, é necessário que os profissionais da escola estejam em constante formação, de modo que o conhecimento não esteja restrito somente aos saberes locais, mas que o conhecimento científico acumulado ao longo das décadas pela humanidade, também seja incorporados ao cotidiano destas pessoas. Se esta formação for articulada com o contexto em que a escola está inserida este fortalecimento da escola do campo estará ainda mais consolidada.

De acordo com ARROYO e CALDART (2013) os currículos de formação têm como um de seus objetivos formar profissionais do campo capazes de influir nas definições e na implementação de políticas educacionais, onde os currículos objetivam afirmar esses profissionais como sujeitos de políticas.

Dentro deste contexto posso dizer que houve de minha parte um sentimento de valorização dos camponeses ao saber que poderíamos ter em nosso município, um curso de Licenciatura articulado à realidade dos povos do campo.

Foi através do incentivo de alguns professores e colegas de trabalho que fiz minha inscrição para o processo seletivo da Licenciatura. Inicialmente o curso foi divulgado no Seminário GPEDI e posteriormente alguns coordenadores da Universidade Federal do Paraná setor Litoral, vieram até Cerro Azul e fizeram uma pequena palestra no Colégio Estadual Princesa Isabel divulgando as informações sobre a licenciatura. Sempre tive um sonho em fazer um curso superior, mas nunca tive a oportunidade. Mesmo sendo criticada por alguns funcionários, professores e agentes administrativos que trabalham na mesma instituição que eu, nunca pensei em desistir. Estas críticas se baseavam pelo fato da maioria dos interessados na época, serem os Agentes Educacionais I e assim algumas pessoas, talvez por preconceito, achavam que funcionários que trabalhavam na limpeza e outros aspectos como pessoas com idade mais avançada, não teriam a capacidade de fazer uma faculdade, ainda mais pela Universidade Federal do Paraná, no qual é muito prestigiada pela sociedade.

Um dos principais motivos pela escolha do curso desta Licenciatura foi o fato de ela estar voltada para o perfil do nosso município, no qual a maior parte das escolas está situada em área agrícola, pois estou intimamente inserida neste

contexto. Durante as aulas (tempo universidade) aprendi como os movimentos sociais tiveram influência sobre a Educação do Campo, de maneira a formar sujeitos emancipadores em suas comunidades. O direito pela terra sempre foi um sonho do camponês de onde retira seu sustento, pois é seu local de trabalho.

Durante as visitas nas comunidades, conhecemos a realidade de outras pessoas, nos fortalecendo como camponeses, pois seus conhecimentos, suas culturas, são tão importantes quanto aqueles que moram na área urbana ou em grandes metrópoles. A produção de trabalho da agricultura é a base da alimentação que sustenta toda a sociedade, pois é no campo onde se produz a maior parte dos alimentos que chegam às mesas das pessoas.

Para CARVALHO et.al, (2013, p.26) os saberes e as experiências de produção vivenciadas pelas famílias camponesas

[...] são importantes para a produção de novos ciclos produtivos. Famílias deste tipo, com essas características, nos seus distintos modos de existência no decorrer da história da formação social brasileira, teceram um mundo econômico, social, político e cultural que se produz, reproduz e afirma na sua relação com os outros agentes sociais

Neste contexto é extremamente importante refletir sobre o modo como todas as conquistas camponesas foram se construindo ao longo do tempo, fortalecendo a cultura camponesa, os movimentos sociais e seus efeitos sob as mulheres e homens trabalhadores do campo.

De acordo com FERNANDES (2006), a luta dos movimentos sociais é dimensionada em vários setores de atuação do movimento, como a produção, a educação, a cultura, a saúde e as políticas agrícolas. Deste modo compreender como estes movimentos influenciaram a educação do campo é fundamental para compreender o desenvolvimento territorial tanto no município quanto no Brasil.

A formação de professoras/professores que atuam nas escolas do campo, é outro fator que deve ser constantemente revisto pois essa formação deve estar relacionada à realidade das comunidades camponesas.

A escola tem sido objeto central das lutas e reflexões pedagógicas da Educação do Campo pelo que representa no desafio de formação dos trabalhadores, como mediação fundamental, hoje, na apropriação e produção do conhecimento que lhes é necessário, mas

também pelas relações sociais perversas que sua ausência no campo reflete e sua conquista confronta. (CALDART. Roseli. p. 262).

Neste contexto A Licenciatura do Campo veio fortalecendo a formação dos profissionais que atuam na área da educação no nosso município. No início do curso foi difícil entender qual seria a forma dos professores trabalharem, ou seja, o formato de como seria esta licenciatura. Logo percebi que iríamos trabalhar com o curso no formato de Tempo universidade/ Tempo Comunidade. O tempo Universidade seriam as horas que passaríamos com os professores da universidade e o Tempo comunidade, que seriam os momentos de trabalhos em grupo, que chamamos de coletivo, leitura de textos, artigos e anotação das reflexões dos temas trabalhados em aula, no caderno de vivência.

Refletindo nestas experiências vivenciadas pode-se dizer que esta modalidade de ensino tem em parte suas essências na formação de educadores das escolas itinerantes, que são escolas que acompanham as famílias nos movimentos sociais.

Segundo CALDART (2013) os educadores realizam cursos formais tais como magistério, pedagogia da terra, Licenciatura do Campo, Geografia entre outros, em especial os que ocorrem em parceria entre o MST (movimento dos sem terra) e as universidades públicas brasileiras. O autor afirma ainda que os educadores continuam-se em coletivo para planejar, estudar e pensar estrategicamente a escola.

O Tempo universidade foram momentos de muita aprendizagem pois realizamos atividades experimentais, aulas de campo como a visita na escola Latino-americano da Lapa. Nesta ocasião conhecemos a realidade dos estudantes e como eles se organizam no coletivo para o desenvolvimento de tarefas. Fomos muito bem acolhidos e houve troca de experiências. Poder assistir a palestra da professora Maria Izabel Grein⁴ e conhecer a cultura desta comunidade também foram experiências riquíssimas.

É válido destacar que tempo universidade e tempo comunidade são dois fatores intimamente ligados pois o que aprendemos em sala de aula, era praticado nos nossos projetos, assim como o que vivenciávamos nos trabalhos em coletivo, levávamos para a sala de aula e era partilhado com os professores da universidade.

⁴ Professora Maria Isabel Grein- Especialista em Educação do Campo.

Uma das aulas que mais me chamou atenção foi quando os professores trabalharam o filme *Narradores de Javé*, no qual destaca a história de um povoado que poderá sofrer com a construção de uma barragem.

Me identifiquei muito com essa história pois nosso município há alguns anos vem sendo um dos alvos de uma companhia que tem a intenção de construir uma barragem.

Como nosso coletivo se encontrava uma vez por semana, decidimos num destes encontros fazer uma reunião na escola Salto Grande do Turvo para abordar esta temática com a comunidade. Nesta ocasião numa das ICH (interações sócias e humanísticas) os professores se mobilizaram e ajudaram a fazer a divulgação de um panfleto informativo sobre as consequências da barragem, bem como os impactos ambientais da mesma.

Um dos principais pontos que também quero destacar desta experiência na Licenciatura em Educação do campo foi o fato de termos iniciado o curso com o diagnóstico das escolas, da realidade de cada uma delas.

Conhecemos a história do município e aprendemos que o trabalho coletivo é muito importante, diria que o lema era “juntos uns com os outros e não para os outros”. Neste processo também fomos aprendendo a valorizar as diferentes culturas, lutando pelos direitos adquiridos, compreendendo que podemos ser cidadãos críticos frente à sociedade, caminhando sempre na intenção de uma educação transformadora. Pode-se dizer que a proposta desta licenciatura foi bastante inovadora porque não mostra que o ensino deve ser apenas centrado na transmissão de conhecimentos.

Os professores que vão atuar na Escola Básica saem dos cursos de licenciatura sem a formação necessária para transformar as representações sociais cristalizadas de professor que “passa” o conteúdo para os estudantes, que desenvolve uma prática educativa centrada na transmissão de conhecimentos (RIBEIRO, 2012, p.87)

Os trabalhos através de projetos propostos no curso foram importantes, pois pude compreender que as disciplinas devem estar trabalhando de forma conjunta. A aprendizagem por projeto passa a ser elemento mediador no futuro tanto no estudo quanto na prática produzindo mais autonomia na aprendizagem. Aprendi nesta metodologia que uma experiência, por exemplo, pode ajudar a compreender os

fenômenos do dia a dia, estabelecendo relações com o conhecimento em sala de aula.

A Licenciatura em Educação do Campo estava organizada em diferentes módulos tais como: reconhecimento da realidade; Educação do Campo e Ciências da Natureza; Pesquisa como princípio educativo; ciências e prática de ensino I e II; as ciências suas tecnologias no campo I ,II e a prática de ensino; estágios supervisionados.

No módulo de ciências da natureza realizamos diversas atividades. Entre todas as aulas que participamos destaco algumas que mais me chamaram atenção, que enriqueceram meus conhecimentos e me mostraram uma metodologia diferente e interessante a ser trabalhada com estudantes. Uma destas atividades foi a construção do terrário, onde o objetivo era simular um miniecosistema, nele observamos o ciclo da água, do oxigênio, do carbono e a fotossíntese. A construção e exploração do terrario também me fez compreender as etapas do método científico tais como observação, formulação de hipóteses, coleta de dados e conclusão.

Esta atividade experimental chama muito atenção dos estudantes e estimula aprendizagem pois através de materiais simples os alunos podem construir seu próprio terrário e explorar diversos conteúdos.

Outra atividade no tempo comunidade que foi muito interessante foi a visita ao Alambique da nossa cidade. Este momento que permitiu entender que a pratica e a teoria estão interligadas e que em situações do dia a dia podemos identificar a química, física e biologia. Nesta visita o proprietário nos explicou sobre o funcionamento e etapas do processo de produção da cachaça e a professora mediadora também explanou sobre o processo de fermentação da cana. Nessa ocasião tivemos a oportunidade de presenciar e visualizar o conteúdo da aula exposta no dia anterior o que nos permitiu entender como acontecem os processos de química, física e biologia na produção da cana, na fermentação de açúcares e destilação, obtendo como produto final a cachaça.

Durante o curso da licenciatura fiz os estágios supervisionados nas séries do ensino fundamental e médio, onde observávamos e anotávamos as aulas dos professores. Neste período também realizei a aula de intervenção no do ensino fundamental no qual fui muito bem acolhida pelos professores e alunos. Nesta ocasião foi trabalhado o conteúdo vitaminas e minerais através dos sucos naturais.

Foi uma aula planejada para turma de 7º ano visto que o professor de ciências na época estava abordando o conteúdo de plantas, frutas e saúde.

Nesta aula de intervenção foi trabalhado a importância da vitaminas e sais minerais presentes no suco natural e também abordado a importância do reaproveitamento de cascas de algumas frutas. Os alunos além de participarem da aula puderam fazer uma aula experimental com suco de abacaxi e casca desta fruta.

No ano de 2017 foram realizados os estágios de observação nas turmas de ensino médio. Neste período também foi realizada a aula de intervenção em uma turma de 2º ano, na qual a temática era as espécies de mandioca, esclarecendo aos alunos a diferença entre estas espécies. Trabalhar este conteúdo foi uma aprendizagem muito significativa pois aprendi conteúdos de química e biologia e assim percebi que estes conteúdos não são tão difíceis como os alunos mencionam, basta estudar e compreender os conceitos dentro do que se deseja aprender. Esta experiência também me mostrou como podemos aprender com os estudantes e suas experiências em suas comunidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do escrito deste relato foi possível compreender que minha trajetória de vida, as experiências de trabalho e estudos científicos são campos intimamente ligados. Vejo hoje a importância que os estudos tiveram na minha vida e como contribuíram para a valorização da minha cultura e dos povos do campo. Estudos este que no passado não houve possibilidade de se tornar algo concreto, mas que agora desperta para um olhar de educadora. Os conhecimentos adquiridos nos encontros, no tempo Universidade e Tempo comunidade da Licenciatura do Campo foram extremamente importantes para meu futuro como educadora. Relembrar o passado e refletir criticamente os fatos que ocorreram diante à sociedade me faz perceber a forma como os educadores podem despertar também nos estudantes, o papel significativo do cidadão, com seus direitos e deveres.

Quanto mais acesso se tem ao conhecimento, mais conquistas podemos ter, e se tornar cidadãos críticos e emancipadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDART, Roseli Salete (org). **Dicionário da Educação do campo**. Rio de Janeiro, 2012.

CHAVES, Lorena Gonsalves. **Alimentação Saudável e Sustentável**. Brasília, 2009

CRIVELARO, João Luis e CORREA, Rubens Gomes. **Políticas de Saúde do Brasil- Curso Técnico em Agente comunitário de Saúde**. Brasília, 2011.

CUNHA, Maria Isabel. **CONTA-ME AGORA! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino**. Revista da Faculdade. São Paulo, 1997.

DUTRA, Eliane Said. **Alimentação Saudável e Sustentável**. Brasília, 2009.

FAGUNDES, Maurício César. **Projeto Político Pedagógico nas Escolas do Campo**. MAYER. Édina Vergara; ORTIZ, Douglas; HOL Valentim. FIDELIS, Lourival. FARIAS, Maria Isabel; HOLLER, Silvana Cássia (org). Curitiba, 2016.

FISBERG, Mauro. **Obesidade na infância e na adolescência-uma verdadeira epidemia**. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0004-27302003000200001&script=sci_arttext. Acesso em 08 de novembro de 2018

FLASCH, Simone de Fátima. **Direito à Educação e obrigatoriedade escolar no Brasil: Entre a previsão legal e a realidade**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.43, p. 285-303, set2011 - ISSN: 1676-2584 292. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/43/art20_43.pdf. Acesso em 05 de novembro de 2018.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo, 2006.

GHEDINI. Cecília; FAGUNDES. Mauricio; . Silvana. **Um processo inovador na educação do campo: alguns olhares**. Mathinhos: UFPR Litoral, 2013.

KARNAL, Leandro (org) **História na sala de aula.: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo, 2005.

MENDES, Maria dos Santos e BALLAN, Maria Onide Ballan. **Agentes Educacionais: desenvolvimento profissional e atuação na educação integral.** Curitiba, 2013. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br>. Acesso em 16 de novembro de 2016.

MORAES, Maria Cândida. **Educar na Biologia do Amor e da Solidariedade.** Rio de Janeiro, 2003.

NICLODI, Suzana Cinni. **Gestão e Processos em Educação, Diversidade e Inclusão** FAGUNDES. Mauricio Cesar Vitória; MARAFON. Daniele.; MAYER. Édina Vergara; HOLLER. Silvana Cássia (org). Curitiba, 2016.

RIBEIRO, Marinalva Lopes. **Pedagogia universitária, olhares e percepções.** VOLPATO. Gildo e PINTO. Marialva Moog. (org) . Curitiba, 2012.

RODRIGUES, Maria de Lourdes. **Alimentação saudável na escola.** Brasília, 2009.

SAVIANI. Dermeval. Escola e democracia. São Paulo, 2008.

SOARES. Sandra Regina e NOVA. Carla Carolina Costa. **Pedagogia universitária, olhares e percepções.** VOLPATO. Gildo e PINTO. Marialva Moog. (org) . Curitiba, 2012.

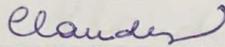
SOUZA. Cynthia Pereira. **Memória e autobiografia:** formação de mulheres e formação de professoras. Revista brasileira de Educação. São Paulo, 1996.

TERMO DE APROVAÇÃO

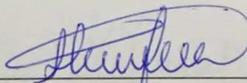
LEONILDA APARECIDA GLODIS BLATNER

A HISTÓRIA DE MINHA VIDA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

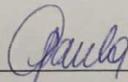
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza.



Profª Drª Claudemira Vieira Gusmão Lopes (Orientadora)
Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza
Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná



Profª Mestre Maria Isabel Farias
Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza
Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná



Prof Mestre Adalberto Penha de Paula
Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza
Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná

Matinhos, 08 de dezembro de 2018.